

José Simeão de Oliveira

Combatente brasileiro que lutou desde o início da Guerra da Tríplice Aliança até o fim, em Cerro Corá

Cláudio Skora Rosty*

Introdução

A motivação inicial para a realização deste estudo ocorreu de forma acidental. Este pesquisador encontrava-se, em 2011, em visita à catedral de Saint Patrick, na cidade de Nova York, quando deparou com uma placa registrando a morte súbita, naquele espaço, do nosso ilustre biografado, marechal José Simeão de Oliveira, combatente da Guerra da Tríplice Aliança.

Minha curiosidade e interesse foram imediatos, em que circunstâncias haveria o marechal morrido naquela igreja tão distante de sua terra natal? Qual sua história militar? Quem foi José Simeão de Oliveira?

À medida que a pesquisa sobre esse vulto histórico progredia, percebi que esse combatente, além de atuar do início ao fim da Guerra do Paraguai, prestou relevantes serviços à pátria. Para melhor conhecer e resgatar essa história, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, documental (fotos e cartas cedidas por sua sobrinha-bisneta Marietinha Monteiro Leão de Aquino¹), bem como uma pesquisa de campo em Assunção e em Cerro Corá.



Figura 1 – José Simeão de Oliveira

Fonte: reprodução obtida na Internet (domínio público)

As seções seguintes deste trabalho, *Vida militar; Guerra da Tríplice Aliança, carreira das armas e estadista*, mostrarão os resultados da pesquisa realizada e trarão à luz uma vida dedicada inteiramente à defesa da pátria.

Vida militar

José Simeão de Oliveira² nasceu em 26 de setembro de 1838, na cidade do Rio Gran-

* Cel Inf R/1 (AMAN/75, EsAO/85, ECEME/94), historiador Militar da Seção de Pesquisa Histórica do CEPHiMEEx.

de-RS, filho legítimo de José Simeão de Oliveira, natural da província do Rio de Grande do Sul. Foi batizado por Manoel Marques de Souza – conde de Porto Alegre. Apresentou-se voluntariamente para servir à pátria no 1º Regimento de Artilharia a Cavalo, sob o comando do então major Emílio Luiz Mallet, futuro patrono da Artilharia, em 4 de fevereiro de 1855, com licença para estudar na escola da referida província.

Foi nomeado alferes-aluno em 14 de março de 1858; promovido a alferes para o Corpo de Estado-Maior de 1ª classe em 31 de março de 1859; tenente em 2 de dezembro de 1862; capitão em 1 de junho de 1867; major graduado em 14 de abril de 1871, com antiguidade de 6 de outubro de 1870; major efetivo em 21 de dezembro de 1871, por merecimento; tenente-coronel em 22 de junho de 1875, por merecimento; coronel em 25 de julho de 1880, também, por merecimento; brigadeiro, em 25 de abril de 1888; a marechal de campo em 30 de janeiro de 1890; marechal graduado em 19 de março de 1892; marechal efetivo em 7 de abril de 1892.

Frequentou as escolas militares de Porto Alegre e da Praia Vermelha. Em 1862, concluiu o curso de estado-maior, recebendo o grau de bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas.

Guerra da Tríplice Aliança

Síntese do Conflito

Desde meados de 1862, a nação paraguaia já se vinha preparando para a guerra. Os conflitos

gerados entre seus vizinhos platinos, em consequência das invasões ao território brasileiro no Norte (Campanha do Mato Grosso) e, posteriormente, no Rio Grande do Sul e Entre Rios, na Argentina, na intenção de controlar a navegação do rio da Prata, obrigaram os países invadidos a assinar o Tratado de Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai. Argentina, Brasil e Uruguai procuraram mobilizar-se para dar fim, o mais rápido possível, àquele conflito. O que parecia ser fácil durou, praticamente, mais de cinco longos e desgastantes anos.

Entrada em Ação

No posto de alferes, participou da campanha do Estado Oriental do Uruguai, na guerra contra Aguirre (1864-1865), como engenheiro, na função de encarregado do registro histórico das operações, descrevendo o itinerário e a parte histórica das operações e nela assistindo ao ataque de Paissandu e capitulação de Montevidéu.



Figura 2 – Declaração de guerra

Fonte: elaborado pelo autor

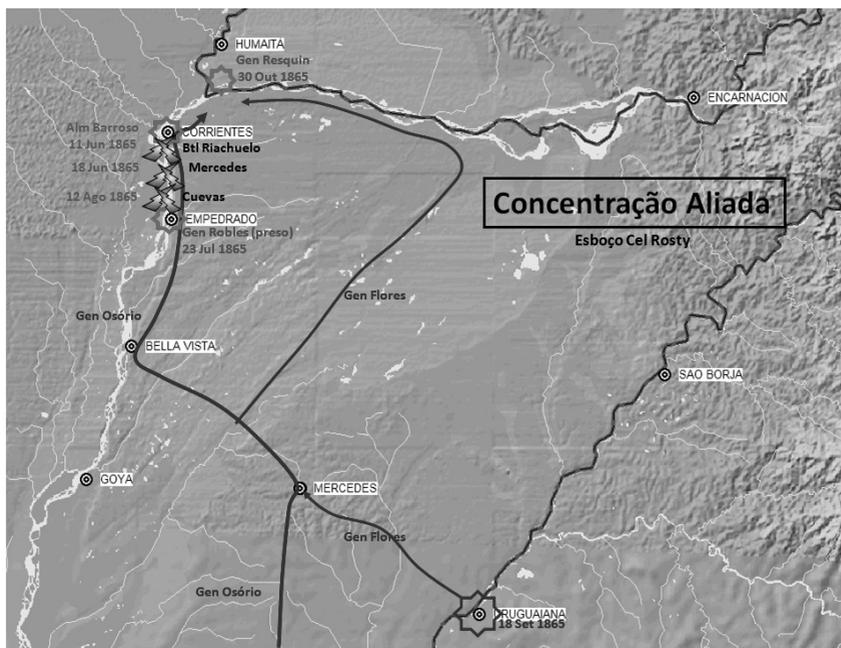


Figura 3 – Concentração aliada
 Fonte: elaborado pelo autor

que, em 22 de julho, encetaram de Tuiuti o movimento de flanco sobre Humaitá. Tomou parte no ataque de 31 daquele mês em Tuiu-Cué, tendo sido elogiado pelo comando da 2ª Divisão de Cavalaria pelo valor e atividades desenvolvidas no referido combate; acha-se compreendido no louvor feito pelo comandante em chefe, em 2 de agosto, aos oficiais e praças que tomaram parte naquele ataque.

Concentração e ofensiva aliada

Após essa campanha, continuou com a concentração de tropas aliadas para a Guerra do Paraguai, agora como membro da comissão de engenheiros do 1º Corpo do Exército, tomou parte nos trabalhos preparatórios para a travessia do rio Paraná; no reconhecimento da ilha de Redenção em frente a Itaipirú a 29 de março; na ocupação e fortificação da mesma ilha a 5 de abril; comandou o vapor Duque de Saxe durante a passagem do Exército; e tomou parte no combate de 2 de maio (Estero Bellaco) e na batalha de 24 de maio (Tuiuti), tudo de 1866.

Em 1867, foi nomeado assistente do deputado do ajudante-general junto ao comando da 2ª Divisão de Cavalaria a 22 de fevereiro. Passou com a mesma divisão a fazer parte da vanguarda dos corpos do Exército

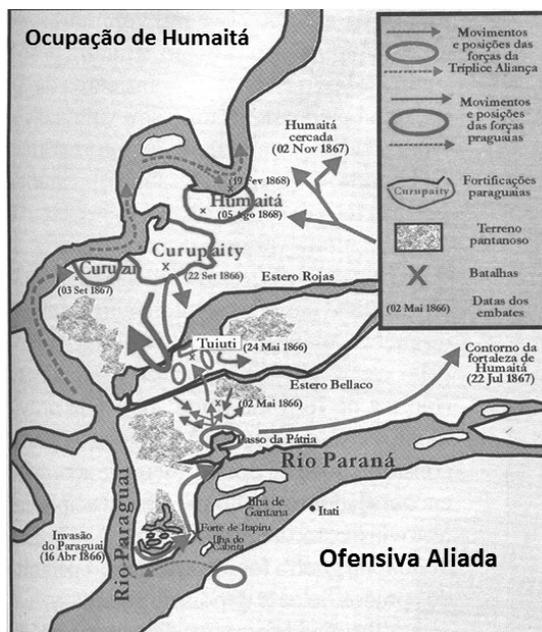


Figura 4 – Ofensiva aliada
 Fonte: elaborado pelo autor

Marchou a 3 de agosto com as forças que atacaram o inimigo em São Solano, assistindo ao combate daquele dia e sendo mencionado pelo brigadeiro comandante da 2ª Divisão de Cavalaria pelo valor, inteligência e atividade com que se portou; ache-se compreendido no elogio feito pelo comandante em chefe em sua ordem do dia nº 112.

Marchou com a 2ª Divisão de Cavalaria em 18 de setembro; tomou parte nos combates de 19 no Potreiro Ovelha e, a 20, na vila do Pilar, sendo elogiado pelo comando da referida 2ª Divisão pelo modo distinto com que se portou, desenvolvendo grande atividade e inteligência; foi nomeadamente louvado pelo marechal do Exército marquês de Caxias pela perícia e denodo com que se portou, a par do cumprimento dos seus deveres.

Tomou parte nos combates de 3 de outubro, nas imediações de São Solano, e de 21 do referido mês em Tataibá, sendo elogiado pelo comando da 2ª divisão pela intrepidez, atividade e zelo que desenvolveu durante o ataque; acha-se contemplado no elogio feito pelo comandante em chefe, em sua ordem do dia nº 144, aos que tomaram parte no triunfo alcançado pela referida cavalaria. Marchou a 28 e a 29 tomou parte no combate de Potreiro Ovelha, sendo mencionado pelo comando da 2ª divisão, achando-se compreendido no elogio feito pelo comando em chefe em sua ordem do dia nº 152. Assistiu ao combate de Taií em 2 de novembro, sendo mencionado pelo comandante da 2ª Divisão, está compreendido no elogio feito pelo comando em chefe em sua ordem do

dia nº 153, pelo modo distinto aos que tomaram parte naquele combate.

Em 1868 foi nomeado, em 5 de maio, assistente do deputado do quartel-mestre-general junto ao comando em chefe. Assistiu ao reconhecimento feito a viva força sobre as trincheiras de Humaitá e, bem assim, a ocupação da mesma praça em 5 de agosto. Marchou para Tebiquarí e tomou parte, no dia 28 de agosto, no ataque do reduto de Passo Real; sendo encarregado de dirigir o trem de assalto, foi nomeadamente elogiado pelo comando em chefe, em sua ordem do dia nº 248, por ter sido particularizado na parte que, sobre esse combate, deu o brigadeiro Andrade Neves, barão do Triunfo. Foi exonerado daquele cargo e nomeado assistente do deputado do ajudante-general junto ao comando da 2ª Divisão de Cavalaria em 14 de novembro.

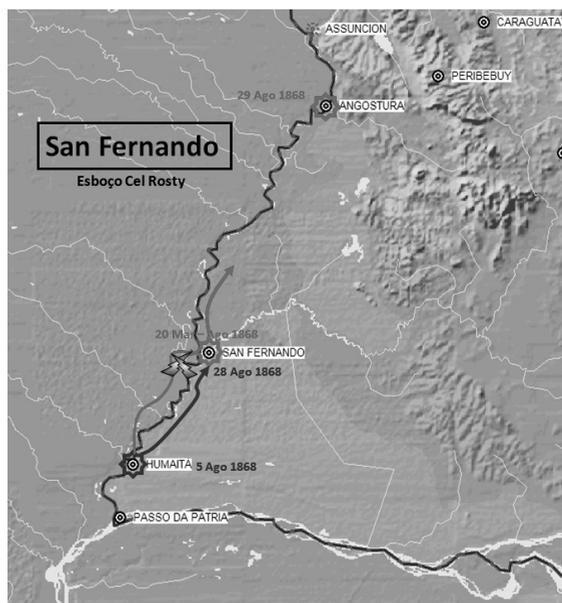


Figura 5 – San Fernando
Fonte: elaborado pelo autor

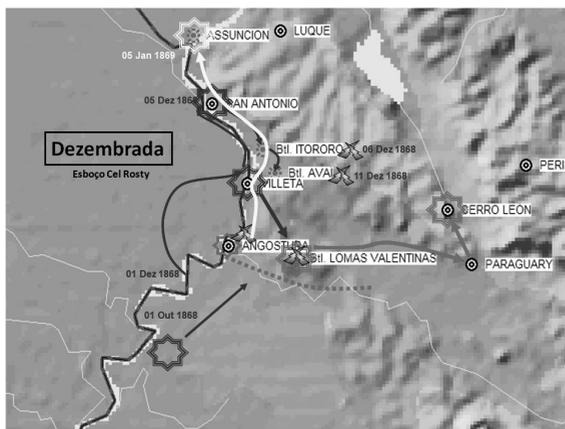


Figura 6 – Dezembrada

Fonte: elaborado pelo autor

Dezembrada

Atravessou o rio Paraná, passando para o Chaco; a 5 de dezembro repassou o mesmo rio, desembarcando em Santo Antônio, donde marchou, tomando parte na batalha do Avaí a 11, e combates de 21 e 27 e rendição de Angostura a 30, assistindo a esses dois últimos no estado-maior do comando em chefe, e àqueles na 2ª Divisão de Cavalaria, por cujo comando foi elogiado pelos serviços prestados naquela batalha e combates de 21. Está compreendido no número dos oficiais e praças elogiados pelo comando em chefe em ordem do dia nº 272, por terem tomado parte nos memoráveis feitos do mês de dezembro e, bem assim, no número dos oficiais e praças aos quais sua majestade o imperador mandou elogiar por aviso de 8 de janeiro de 1869 do ministro da Guerra.

Campanha da Cordilheira

Em 1869, fazendo parte do 1º Corpo do Exército na qualidade de assistente do deputado do ajudante-general, marchou em 10 de março para Luque e daí para Guazambaré, a 5 de abril, passando a servir no 2º Corpo do Exército com a sua divisão a 15 do mesmo mês. Contramarchou com a referida divisão para Assunção a 17 de maio, donde embarcou com destino ao distrito de S. Pedro. Tomou parte no combate de Tupium a 30 desse mês, sendo recomendado, na parte dada pelo brigadeiro José Antônio Correia da Câmara, comandante da 2ª Divisão de Cavalaria, pela dedicação e intrepidez com que se portou, prestando importantíssimos serviços naquele combate.

Foi incumbido, pelo mesmo brigadeiro, de ir ao Taquaral levar ao comandante do 2º Corpo do Exército as três bandeiras tomadas ao inimigo no dito combate, bem assim, as partes relativas ao mesmo. Está compreendi-

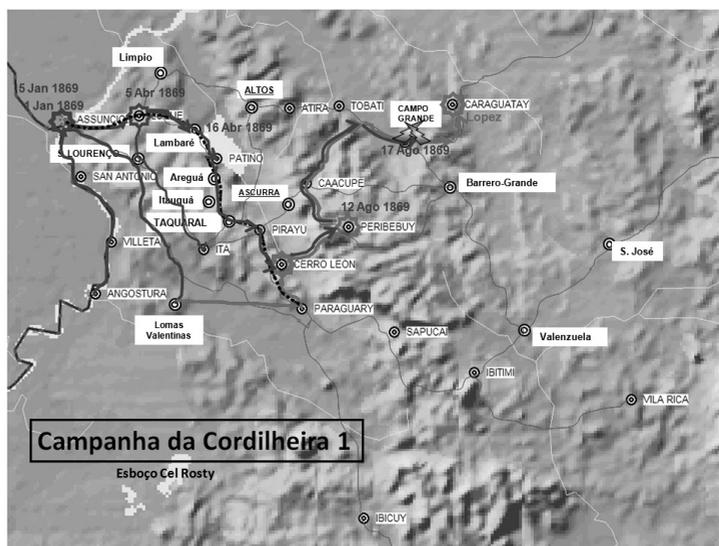


Figura 7 – Campanha da Cordilheira 1

Fonte: elaborado pelo autor

do no número dos oficiais e praças aos quais sua alteza o príncipe conde d'Eu, comandante em chefe, mandou louvar pelos feitos de Tupium; no voto de felicitação e reconhecimento da Câmara dos Deputados, por ter alcançado para a pátria glória imorredoura e para si o nome de bravo e a gratidão do país; no elogio mandado fazer por sua majestade, o imperador, aos oficiais e praças que tomaram parte no combate de Tupium e na felicitação que a Assembleia Legislativa da província do Rio Grande do Sul fizera ao Exército e a Armada. Tomou parte no ataque de Peribeubú a 12 de agosto; marchou a 10 em direção a Caacupê e contramarchou a 15, tomando parte a 16 na batalha de Campo Grande; a 18, no combate da Picada de Caguijurú, acampando no mesmo dia em Caraguataí, tudo do referido mês, sendo por todos esses feitos recomendado pelo brigadeiro comandante da 2ª Divisão de Cavalaria em suas partes, por ter cumprido o seu dever, declarando, quanto à batalha de Campo Grande, que se lisonjeava, mencionando-o pelo auxílio que prestou, transmitindo suas ordens com presteza, distinção e valor. Está compreendido no número dos oficiais aos quais sua alteza, em seu nome e no de sua majestade, o imperador, louvou, em sua ordem do dia nº 37, por ter tomado parte nos combates de agosto.

Passando com a 2ª Divisão de Cavalaria a fazer parte das forças expedicionárias em operações no distrito da Conceição, embarcou em Arecutagua a 13 de outubro; desembarcou na vila da Conceição a 16; marchou para Belem-Cué a 17, para Acapitigo a 18, depois para Tapitanguá e em seguida para Sanguino-Cué, donde contramarchou para Conceição, sendo mencionado pelo brigadeiro Correia da Câmara, em sua parte dirigida ao comando do 2º Corpo do Exército, recomendando-o pela parte ativa no combate

dos dois últimos pontos, nos quais, acompanhou sempre a vanguarda, pela sua bravura, carregando com os atiradores sobre o inimigo; finalmente, pela sua dedicação ao serviço. Acha-se compreendido no elogio feito pelo tenente-general visconde do Herval (Osorio), em ofício de 27 de novembro aos chefes, oficiais e soldados que tomaram parte nesses combates. Marchou da Conceição em perseguição às forças de Romeu Mastreil e Rocado, tomando parte nos combates havidos depois que voltou àquela vila.

Está compreendido no disposto do aviso do ministro da Guerra de 26 do referido mês, pelo qual sua majestade, o imperador, mandou louvar aos oficiais que haviam tomado parte nos mesmos combates, igualmente na ordem do dia nº 41, em que sua alteza o conde d'Eu louva os denodados do brigadeiro Câmara, que tomaram parte naquelas brilhantes operações. Marchou da Conceição a 26 de dezembro com destino ao Rio Verde e Cambacibá, onde chegou a 4, seguindo para São Pedro em perseguição do coronel Genis; tomou parte nos combates desse dia em Lamanguá; sendo elogiado em parte dada pelo brigadeiro Antônio Correia da Câmara, pelo seu comportamento, declarando o mesmo general que o incumbira de marchar na tarde de 11 com o 30º Corpo de Voluntários da Pátria em uma diligência, na qual continuou a prestar-lhe eficaz coadjuvação.

Foi nomeado membro da comissão de engenheiros, com exercício junto ao comando das forças expedicionárias em operações no distrito da Conceição, em virtude dos apontamentos do detalhe do comando em chefe, de 28, tudo de janeiro de 1870. Está compreendido no número dos oficiais mandados elogiar por sua majestade, o imperador, em aviso de 26 de fevereiro, por ter tomado parte nesta última expedição. Mar-

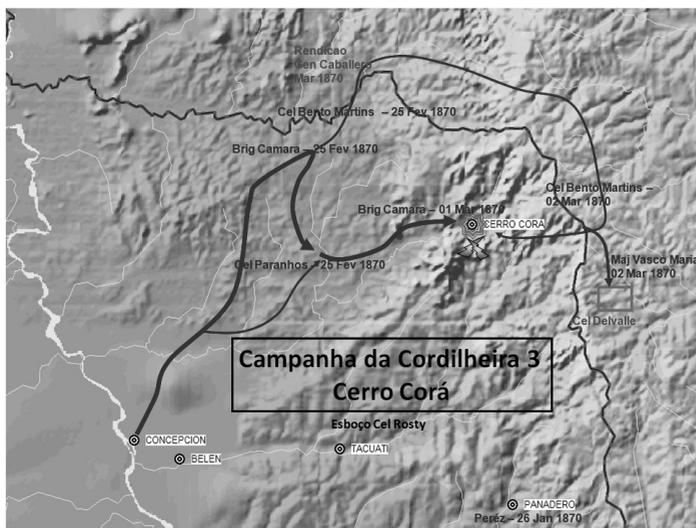


Figura 8 – Campanha da Cordilheira 3, Cerro Corá
Fonte: elaborado pelo autor

chou da Conceição a 9, em direção a Bela Vista, chegando ao Passo Barreto a 11; passou o Aquidaban a 13; chegou a Invernada a 18; marchou a 21 em direção a Niegla, onde chegou a 24; dali avançou a 25 sobre o Cerro-Corá, chegando ao rio Guassú a 28, tudo do referido mês.

Acompanhou sempre a vanguarda, tornando-se um dos principais atores no epílogo da guerra em Cerro Corá. Tomou parte, no dia 1º de março do mesmo ano, no combate de Passo-Aquidaban. Perseguiu o Mal López, enquanto este escapava, a cavalo, do acampamento para o mato. Fez com que os soldados que protegiam López lhe dirigissem seus tiros. Mostrou ao Gen Câmara o rumo tomado por López, depois de este desmontar, lanceado e exausto, e atravessar o arroio Aquidaban. Após ter alcançado a margem oposta, López teve o seu fim, combatendo de espada em punho, como um bravo, coerente com o seu ideal e sua verdade. Por fim, Simeão ordenou que fosse montada a maca para transportar o Mal López, sem vida, até o acampamen-

to aliado, onde foi pelo brigadeiro Câmara e mandado se apresentar ao coronel Silva Tavares, sendo elogiado pela maneira por que se acha declarado na ordem do dia de 13 de março.

Contramarchou no dia 2 e seguiu para a Vila da Conceição, onde chegou a 6, sendo encarregado pelo brigadeiro Correia da Câmara de apresentar a sua alteza conde d’Eu a espada de Solano Lopez e as partes do combate de Cerro-Corá. Seguiu para a Vila do Rosário a 15 e voltou a 17, sendo então encarregado por sua alteza de ir ao Rio de Janeiro apresentar ao Governo Imperial a

referida espada e as partes, para o que embarcou na vila da Conceição com destino à Corte do Império a 18, tudo de março de 1870. Foi comissionado pelo Exército em operações contra o Paraguai, para transportar, desde Cerro Corá, no Paraguai, até o Palácio Real em São Cristóvão, a espada do Mal Solano Lopez, entregando-a, pessoalmente, a D. Pedro II. Esta, que seria devolvida ao país irmão em 9 de abril de 1980, ao presidente do Paraguai, no Palácio de López, pelo presidente João Batista de Oliveira Figueiredo, sobrinho-neto de José Simeão, que era irmão de sua avó, Leopoldina de Oliveira Figueiredo.

Ao receber o troféu de guerra, D. Pedro II perguntou-lhe: “Por que os senhores não me trouxeram o Mal Lopez com vida?”. O major, constrangido, respeitosamente respondeu: “Vossa Majestade, da leitura da documentação que acabo de entregar, saberá das razões pelas quais, não foi possível assim proceder”.

Carreira das armas e estadista

Em aviso de 30 de agosto, foi mandado ficar à disposição do comando geral do corpo de estado-maior de 1ª classe para fazer parte da comissão encarregada da organização do almanaque militar, quadro das vagas existentes no Exército e relação dos oficiais em circunstâncias de serem promovidos. Em 21 de setembro, foi-lhe concedida licença, como requereu, para assistir aos trabalhos de exploração e construção da Estrada de Ferro D. Pedro II, aí permanecendo até 15 de janeiro de 1873. Em portaria de 5 de novembro desse ano, foi nomeado engenheiro da comissão de melhoramentos do material do Exército e, em 22 de maio de 1874, teve a nomeação de membro da comissão encarregada do projeto do regulamento para o Asilo de Inválidos da Pátria. Em decreto de 24 de maio de 1876, foi nomeado diretor do Arsenal de Guerra da província do Rio Grande do Sul, cargo que exerceu até 5 de abril de 1879, em que foi exonerado a pedido. Em portaria de 16 de maio de 1879 foi nomeado para servir no Arquivo Militar e, por decreto de 28 de outubro do mesmo ano, teve a nomeação de secretário da Repartição de Ajudante-General. Em 1880, foi louvado em aviso de 24 de março pelos trabalhos que espontaneamente apresentou sobre a organização de um corpo de transporte para o Exército, manifestando assim o interesse que tomava pelo serviço público. Em decreto de 6 de setembro desse ano, foi nomeado comandante da Escola de Infantaria e Cavalaria da província do Rio Grande do Sul, cargo que exerceu até 11 de dezembro de 1886.

Em 11 de agosto de 1886, em carta à sua esposa, Marieta de Souza Oliveira, no Rio de Janeiro, revelou sua preocupação com a política:

“Não sei quando se entenderá, neste país, que o serviço público é feito à nação e não aos partidos...” .

No Rio de Janeiro, tomou parte na fundação do Clube Militar, sendo seu 1º secretário.

Por ato de 14 de março de 1888, foi nomeado diretor da Fábrica de Pólvora da Estrela, que exerceu até 11 de abril seguinte, data em que foi dispensado e nomeado comandante da Escola Geral de Tiro de Campo Grande. Em portaria de 12 do referido mês de abril, foi nomeado para, em comissão com outros oficiais, rever os regulamentos das escolas militares e de tiro afim de harmonizar as disposições dos mencionados regulamentos, de modo a fazer desaparecer as divergências que entre eles se notavam, não só em relação à instrução, como aos direitos e regalias dos respectivos alunos, e apresentar um projeto nas condições indicadas. Em portaria de 22 de junho, ainda de 1888, foi nomeado membro da Comissão de Promoções. Em portaria de 22 de março de 1889, foi nomeado para substituir, no comando-geral de artilharia e comissão de melhoramentos do material de guerra, sua alteza o marechal do Exército conde d’Eu em seus impedimentos. Tendo sido, em portaria de 10 de junho do referido ano, concedida licença ao conde d’Eu para visitar algumas províncias do Império, assumiu o brigadeiro José Simeão de Oliveira o comando Geral de Artilharia durante sua ausência.

Proclamada a República, foi nomeado o brigadeiro José Simeão, por decreto de 21 de novembro de 1889, governador e comandante das armas de Pernambuco, cargos de que foi exonerado em decreto de 19 de abril de 1890. Em decreto desta última data, foi nomeado para o cargo de ajudante-general do Exército em substituição ao marechal Floriano Peixoto, que assumiu a pasta da Guerra. Em decreto de 28 de março,

também de 1890, foi nomeado conselheiro de guerra. Em decreto de 25 de novembro, ainda de 1890, foi dispensado do cargo de ajudante-general do Exército, por ter tomado assento no Congresso Nacional como senador pelo Estado de Pernambuco. No senado, revelou moderação de linguagem, retidão de princípios, austeridade, integridade de caráter e amenidade no trato, sendo imortalizado, em 1896, no quadro a óleo *Compromisso Constitucional*, de Aurélio de Figueiredo. No governo constitucional de República, exerceu o general José Simeão de Oliveira o cargo de ministro de Estado da Guerra, no período de 23 de novembro de 1891 a 2 de fevereiro do ano seguinte.

O marechal José Simeão de Oliveira possuía as medalhas da Campanha do Uruguai, República Argentina, Mérito Militar e Campanha do Paraguai com o passador nº 5. Foi agraciado pelo governo imperial com o Grau de Cavaleiro das ordens de Cristo, Cruzeiro, Rosa e S. Bento de Aviz,

sendo elevado à Grã-cruz desta última ordem pelo governo republicano.

Como marechal (7 de abril de 1892), foi ministro da Guerra de Floriano. Seguiu para os Estados Unidos da América, chefiando uma delegação do Brasil à Exposição Colombiana de Chicago, em 20 de junho de 1893, em Nova York, onde teve morte súbita. Seu corpo foi velado na Catedral de Saint Patrick. Seu corpo foi trasladado para a cidade do Rio de Janeiro e deu entrada, a 14 de agosto daquele ano, no cemitério da Ordem de S. Francisco de Paula, em Catumbi, onde se acha inumado em rica capela de granito. Seu falecimento foi comunicado ao Exército, em ordem do dia de 7 de agosto de 1893, da Repartição de ajudante-general nos seguintes termos:

Com profundo pesar, publica-se, para conhecimento do Exército, o falecimento do Sr. Marechal José Simeão de Oliveira, no dia 20 de junho último, nos Estados Unidos da América do Norte, onde se achava

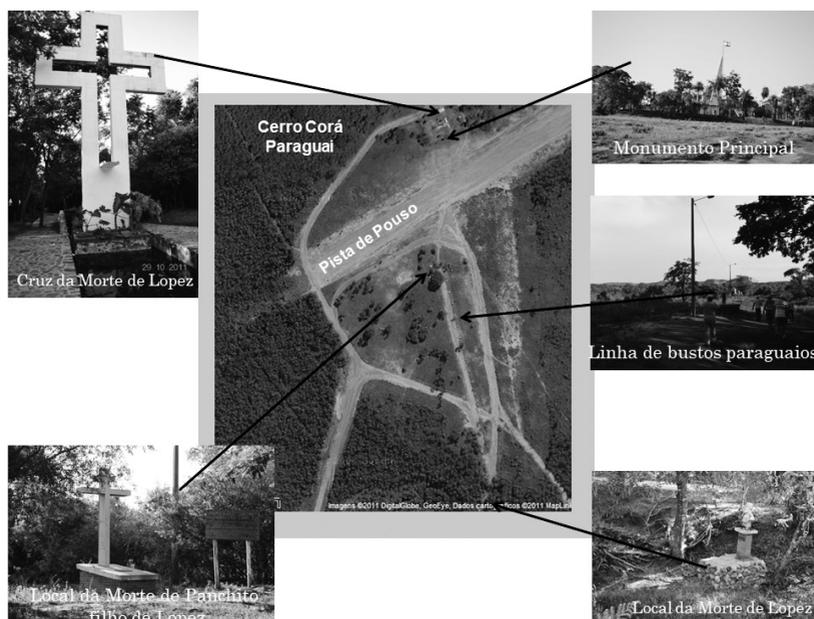


Figura 9 – Local da morte de Solano Lopez em Cerro Corá
Fonte: elaborado pelo autor

em importante comissão do Governo. Durante o longo tirocínio de sua vida pública, prestou o general Simeão assinalados serviços à pátria, como militar e como cidadão, e o Exército, do qual foi ele um dos mais belos ornamentos, se ressentiu com mágoa de irreparável perda.

Considerações finais

A narrativa biográfica aqui registrada buscou resgatar e tornar conhecidos os feitos de um grande vulto de nossa história militar, marechal José Simeão de Oliveira.

No percurso desse resgate, além de fontes bibliográficas, houve, também, envolvimento pessoal deste pesquisador com os locais e até mesmo familiares do marechal.

Por ocasião da visita histórico-cultural realizada pelos participantes do III Encontro Internacional de História sobre as Operações

Bélicas, durante a Guerra da Tríplice Aliança (Brasil), no período de 27 a 30 de outubro de 2011, do qual participou, a meu convite, sua sobrinha-bisneta, a museóloga, Marietinha Monteiro Leão de Aquino, tive a honra de proferir texto de exaltação ao momento histórico em que seu tio-avô comandou a última operação da Guerra da Tríplice Aliança, sendo testemunha dos momentos finais de Solano Lopez. Reproduzo, abaixo, extrato da elocução proferida:

Marietinha! Obrigado por nos fornecer estes dados do seu tio-bisavô e por preservar e divulgar a memória deste herói de Cerro Corá.

Em gratidão, solicito saudarmos a sobrinha-bisneta de José Simeão de Oliveira com uma salva de palmas. E, em sinal de respeito a todos os heróis que tombaram neste sítio histórico, peço fazermos um minuto de silêncio. **REB**



Figura 10 – Local da exaltação

Fonte: o autor

Referências

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

_____. Memoria y autobiografía. Exploraciones em los limites. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2013.

Lago. Laurêncio, Os Generais do Exército Brasileiro de 1860 a 1889 – 3º volume – Biblioteca Militar Volume LIX – Imprensa Nacional – RJ 1942.

LORIGA, SABINA. O pequeno X. *Da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ Não tendo filhos, criou e educou Marietinha, filha de sua irmã Josefina, avó da museóloga Marietinha Monteiro Leão de Aquino. Esta, portanto, sobrinha-bisneta, que se encontrava presente no evento cultural em Cerro Corá, III Encontro Internacional de História sobre as Operações Bélicas, durante a Guerra da Tríplice Aliança (Brasil), no período de 27 a 30 de outubro de 2011.

² O marechal José Simeão de Oliveira (Rio Grande, 26 de setembro de 1838 – Nova Iorque, 20 de junho de 1893) foi um militar, engenheiro, veterano da Guerra do Paraguai, líder republicano, político, governador, senador, constituinte, ministro da Guerra e estadista brasileiro.